

VESTIBULAR DA FUVEST 2022 - 1ª FASE



Correção de Literatura



Equipe de Português

CORREÇÃO DO VESTIBULAR FUVEST 2022 - 1ª FASE

12 DE DEZEMBRO DE 2021

Sumário

QUESTÕES SEM COMENTÁRIOS	3
GABARITO	6
QUESTÕES COM COMENTÁRIOS	7
CONSIDERAÇÕES FINAIS	13



QUESTÕES SEM COMENTÁRIOS

15. (FUVEST/2022/1ª fase/Professor Fernando Andrade) No texto do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty é estabelecida uma conexão entre as relações sociais e a racionalidade dos indivíduos:

A sociedade humana não é uma comunidade de espíritos racionais, só se pode compreendê-la assim nos países favorecidos, em que o equilíbrio vital e econômico foi obtido localmente e por certo tempo.

Maurice Merleau-Ponty, Fenomenologia da percepção, p. 89.

Qual sentença, se tomada como verdadeira, reforça a posição exprimida pelo filósofo no trecho?

- a) A racionalidade é uma potência espiritual que se impõe sobre as circunstâncias históricas.
- b) O equilíbrio vital e econômico é uma força irracional que se contrapõe aos espíritos racionais.
- c) Nos países favorecidos, as pessoas são naturalmente mais racionais.
- d) A racionalidade das relações sociais depende da estabilidade de circunstâncias históricas.
- e) Os espíritos racionais são responsáveis pelo equilíbrio vital e econômico dos países favorecidos.

19. (FUVEST/2022/1ª fase/Professora Bete Ana e Professora Luana Signorelli) Por narrativas paralelas entende-se um procedimento literário segundo o qual dois ou mais fios narrativos pertencentes a níveis distintos de realidade se desenrolam intercaladamente formando um todo. Considerando-se a sua estrutura, as duas narrativas que podem ser identificadas com base nessa definição são:

- a) *Quincas Borba* e *Nove noites*
- b) *Campo geral* e *Terra sonâmbula*
- c) *Angústia* e *Campo geral*
- d) *Nove noites* e *Terra sonâmbula*
- e) *Quincas Borba* e *Angústia*

20. (FUVEST/2022/1ª fase/Professora Luana Signorelli) LEIA OS SEGUINTE TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS PARA RESPONDER ÀS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES.

I.

*Suave mari magno**

Lembra-me que, em certo dia,
Na rua, ao sol de verão,
Envenenado morria
Um pobre cão.

Arfava, espumava e ria,
De um riso espúrio e bufão,
Ventre e pernas sacudia



Na convulsão.

Nenhum, nenhum curioso
Passava, sem se deter,
Silencioso,

Junto ao cão que ia morrer,
Como se lhe desse gozo
Ver padecer.

Machado de Assis. Ocidentais.

*Expressão latina, retirada de Lucrécio (Da natureza das coisas), a qual aparece no seguinte trecho: *Suave, mari magno, turbantibus aequora ventis/ E terra magnum alterius spectare laborem.* (“É agradável, enquanto no mar revoltoso os ventos levantam as águas, observar da terra os grandes esforços de um outro.”).

II.

Tão certo é que a paisagem depende do ponto de vista, e que o melhor modo de apreciar o chicote é ter-lhe o cabo na mão.

Machado de Assis. Quincas Borba, cap. XVIII.

III.

Sofia soltou um grito de horror e acordou. Tinha ao pé do leito o marido:

- Que foi? perguntou ele.
- Ah! respirou Sofia. Gritei, não gritei?
- (...)
- Sonhei que estavam matando você.

Palha ficou enternecido. Havê-la feito padecer por ele, ainda que em sonhos, encheu-o de piedade, mas de uma piedade gostosa, um sentimento particular, íntimo, profundo, – que o faria desejar outros pesadelos, para que o assassinassem aos olhos dela, e para que ela gritasse angustiada, convulsa, cheia de dor e de pavor.

Machado de Assis. Quincas Borba, cap. CLXI.

A visão do eu-lírico no texto I

- a) volta-se nostálgica para as imagens de uma lembrança.
- b) centra-se com desprezo na figura do animal agonizante.
- c) apreende displicentemente o movimento dos transeuntes.
- d) ganha distância da cena para captar todos os seus aspectos.
- e) apresenta o espectador da crueldade como um ser incomum.

21. (FUVEST/2022/1ª fase/Professora Luana Signorelli) A analogia consiste em um recurso de expressão comumente utilizado para ilustrar um raciocínio por meio da semelhança que se observa entre dois fatos ou ideias. No texto II, a analogia construída a partir da imagem do chicote pretende sugerir que

- a) o instrumento do castigo nem sempre cai em mãos justas.
- b) o apreço aos objetos independe do uso que se faz deles.
- c) o cabo é metáfora de mérito, e a ponta, metáfora de culpa.
- d) o mais fraco, por ser compassivo, é incapaz de desfrutar do poder.



e) o prazer verdadeiro se experimenta no lado dos dominantes.

22. (FUVEST/2022/1ª fase/Professora Luana Signorelli) No texto III, ao analisar a interioridade de Palha, o narrador descobre, no pensamento oculto do negociante,

- a) a ternura que lhe inspira a mulher, capaz de toda abnegação.
 - b) a piedade que lhe causa a mulher, a quem só guarda desprezo.
 - c) a vaidade que beira o sadismo, ao ver a mulher sofrer por ele.
 - d) o gozo vingativo, visto que a mulher o trai com Carlos Maria.
 - e) o remorso do infiel, pois ele trai a mulher com Maria Benedita.
-

23. (FUVEST/2022/1ª fase/Professora Luana Signorelli)

Largo em sentir, em respirar sucinto,
Peno, e calo, tão fino, e tão atento,
Que fazendo disfarce do tormento
Mostro que o não padeço, e sei que o sinto.

O mal, que fora encubro, ou que desminto,
Dentro no coração é que o sustento:
Com que, para penar é sentimento,
Para não se entender, é labirinto.

Ninguém sufoca a voz nos seus retiros;
Da tempestade é o estrondo efeito:
Lá tem ecos a terra, o mar suspiros.

Mas oh do meu segredo alto conceito!
Pois não me chegam a vir à boca os tiros
Dos combates que vão dentro no peito.

Gregório de Matos e Guerra

No soneto, o eu lírico:

- a) expressa um conflito que confirma a imagem pública do poeta, conhecido pelo epíteto de “o Boca do Inferno”.
 - b) opta por sufocar a própria voz como estratégia apaziguadora de suas perturbações de foro íntimo.
 - c) explora a censura que o autor sofreu em sua época, ao ser impedido de dar expressão aos seus sentimentos.
 - d) estabelece, nos tercetos, um contraponto semântico entre as metáforas da natureza e da guerra.
 - e) revela-se como um ser atormentado, ao mesmo tempo que omite a natureza de seu sofrimento.
-

24. (FUVEST/2022/1ª fase/Professora Luana Signorelli)



Nun'Álvares Pereira

Que auréola te cerca?
É a espada que, volteando,
Faz que o ar alto perca
Seu azul negro e brando.

Mas que espada é que, erguida,
Faz esse halo no céu?
É Excalibur, a ungida,
Que o Rei Artur te deu.

´Sperança consumada,
S. Portugal em ser,
Ergue a luz da tua espada
Para a estrada se ver!

Fernando Pessoa. In: "A Coroa", Parte I, Mensagem.

A primeira parte de *Mensagem*, organizada como um correlativo poético do Brasão das Armas de Portugal, perfila uma série de figuras míticas e históricas que teriam sido responsáveis pela formação nacional portuguesa. A seleção de Nun'Álvares Pereira para ocupar o lugar da Coroa

- a) sugere, pela imagem do halo de luz, que a verdadeira nobreza é de espírito.
- b) destaca, através da referência ao mito arturiano, o seu sangue bretão.
- c) distingue, por meio do substantivo "sperança", um regente digno de seu posto.
- d) enaltece, pela repetição da palavra espada, a guerra como estrada para o futuro.
- e) indica, associada ao adjetivo "consumada", uma visão desenganada da história.

GABARITO

GABARITO



- 15) D
- 19) D
- 20) D
- 21) E
- 22) C
- 23) E
- 24) A



QUESTÕES COM COMENTÁRIOS

15. (FUVEST/2022/1ª fase/Professor Fernando Andrade) No texto do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty é estabelecida uma conexão entre as relações sociais e a racionalidade dos indivíduos:

A sociedade humana não é uma comunidade de espíritos racionais, só se pode compreendê-la assim nos países favorecidos, em que o equilíbrio vital e econômico foi obtido localmente e por certo tempo.

Maurice Merleau-Ponty, Fenomenologia da percepção, p. 89.

Qual sentença, se tomada como verdadeira, reforça a posição exprimida pelo filósofo no trecho?

- a) A racionalidade é uma potência espiritual que se impõe sobre as circunstâncias históricas.
- b) O equilíbrio vital e econômico é uma força irracional que se contrapõe aos espíritos racionais.
- c) Nos países favorecidos, as pessoas são naturalmente mais racionais.
- d) A racionalidade das relações sociais depende da estabilidade de circunstâncias históricas.
- e) Os espíritos racionais são responsáveis pelo equilíbrio vital e econômico dos países favorecidos.

Comentários

Nessa questão, Merleau-Ponty chama a atenção para a relação entre História e pensamento racional. Os períodos e lugares em que esse tipo de reflexão surgiu estavam ligados a equilíbrio econômico. Como exemplo, basta lembrar da Grécia, berço da filosofia racionalista. Os pensadores surgem no período de apogeu da civilização grega.

Alternativa A está incorreta. O autor considera que a racionalidade é determinada pelo equilíbrio econômico obtido em determinadas circunstâncias históricas, ela não se impõe. Além disso, dizer que ela é uma potência espiritual significa distorcer a frase “a racionalidade é uma potência espiritual”.

Alternativa B está incorreta. Não se discute a força irracional, apenas se deduz que a racionalidade ocorre em circunstâncias nas quais a estabilidade econômica e social permitem isso.

Alternativa C está incorreta. Essa alternativa poderia enganar, afinal ela faz um resumo interessante do texto-fonte, mas acrescenta a palavra “naturalmente”. Ora, as pessoas podem ser mais racionais devido às condições histórico-sociais propícias ao pensamento e não porque são predispostas naturalmente, pois isso nos levaria à conclusão de que, nos países onde a filosofia floresce, as pessoas são superiores.

Alternativa D está correta. O texto-fonte deixa claro que a racionalidade prospera em países favorecidos economicamente. A referência à História aparece no trecho final: “em que o equilíbrio vital e econômico foi obtido localmente e por certo tempo”.

Alternativa E está incorreta. O texto-fonte expressa uma ideia oposta ao que se lê na alternativa. Os espíritos racionais surgem devido às circunstâncias naturais e não ao contrário.

Gabarito: D.

19. (FUVEST/2022/1ª fase/Professora Bete Ana e Professora Luana Signorelli) Por narrativas paralelas entende-se um procedimento literário segundo o qual dois ou mais fios narrativos pertencentes a níveis distintos de realidade se desenrolam intercaladamente formando um todo. Considerando-se a sua estrutura, as duas narrativas que podem ser identificadas com base nessa definição são:

- a) *Quincas Borba* e *Nove noites*
- b) *Campo geral* e *Terra sonâmbula*



- c) *Angústia e Campo geral*
- d) *Nove noites e Terra sonâmbula*
- e) *Quincas Borba e Angústia*

Comentários

Questão teórica de conhecimento de autores e obras do cânone/verificação de leitura.

Alternativa A: incorreta. “Quincas Borba” (1891) é um romance realista de Machado de Assis. Seu nome se baseia no filósofo homônimo, que morre no início da narrativa, de tal forma que o protagonismo daí para frente é assumido por Rubião. Por mais que haja histórias de pessoas ao seu redor (Sofia, Cristiano Palha, Camacho, entre outros), ainda assim o fio narrativo se concentra em sua trajetória.

Alternativa B: incorreta. “Campo geral” (1964) é uma novela de Guimarães Rosa, centrada na história de Miguilim e na sua relação com a família (mãe, Tio Terez, Dito, entre outros). Sendo uma novela, é a sua trajetória que é central, não havendo muito espaço para narrativas paralelas.

Alternativa C: incorreta. “Angústia” (1936) é um romance de Graciliano Ramos da segunda geração modernista. É centrado na história de Luís da Silva, que narra seus traumas a partir de sua perspectiva unilateral, já que é um narrador na primeira pessoa. Logo, só temos acesso à sua mente e ao que se passa dentro da sua cabeça.

Alternativa D: correta – gabarito. Em “Nove noites” (2002), a obra se estrutura em duas personagens. Um narrador-jornalista que ouve falar sobre um antropólogo e o próprio, Buell Quain, que se suicida. A obra se centra em vários mistérios, assemelhando-se a um romance policial e vários fios narrativos são entrelaçados nessa obra híbrida. Por sua vez, “Terra Sonâmbula” (2002) apresenta duas narrativas, uma feita em terceira pessoa, que fala de Muidinga e Tuahir, o menino que deseja saber quem são seus pais; e a segunda narrativa é encontrada nos cadernos de Kindzu, em primeira pessoa, que saiu de sua terra natal porque quer se tornar naparama, sendo esta narrativa lida por Muidinga. Durante a leitura da narrativa de Kindzu, interlaca-se a história de Tuahir e Muidinga.

Alternativa E: incorreta. Pelos mesmos motivos das letras A e C, “Quincas Borba” se centra na narrativa de Rubião e “Angústia” no monólogo interior de Luís da Silva.

Gabarito: D.

20. (FUVEST/2022/1ª fase/Professora Luana Signorelli) LEIA OS SEGUINTE TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS PARA RESPONDER ÀS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES.

I.

*Suave mari magno**

Lembra-me que, em certo dia,
Na rua, ao sol de verão,
Envenenado morria
Um pobre cão.

Arfava, espumava e ria,
De um riso espúrio e bufão,
Ventre e pernas sacudia
Na convulsão.

Nenhum, nenhum curioso



Passava, sem se deter,
Silencioso,

Junto ao cão que ia morrer,
Como se lhe desse gozo
Ver padecer.

Machado de Assis. Ocidentais.

*Expressão latina, retirada de Lucrécio (Da natureza das coisas), a qual aparece no seguinte trecho: *Suave, mari magno, turbantibus aequora ventis/ E terra magnum alterius spectare laborem.* (“É agradável, enquanto no mar revoltoso os ventos levantam as águas, observar da terra os grandes esforços de um outro.”).

II.

Tão certo é que a paisagem depende do ponto de vista, e que o melhor modo de apreciar o chicote é ter-lhe o cabo na mão.

Machado de Assis. Quincas Borba, cap. XVIII.

III.

Sofia soltou um grito de horror e acordou. Tinha ao pé do leito o marido:

- Que foi? perguntou ele.
- Ah! respirou Sofia. Gritei, não gritei?
- (...)
- Sonhei que estavam matando você.

Palha ficou enternecido. Havê-la feito padecer por ele, ainda que em sonhos, encheu-o de piedade, mas de uma piedade gostosa, um sentimento particular, íntimo, profundo, – que o faria desejar outros pesadelos, para que o assassinassem aos olhos dela, e para que ela gritasse angustiada, convulsa, cheia de dor e de pavor.

Machado de Assis. Quincas Borba, cap. CLXI.

A visão do eu-lírico no texto I

- a) volta-se nostálgica para as imagens de uma lembrança.
- b) centra-se com desprezo na figura do animal agonizante.
- c) apreende displicentemente o movimento dos transeuntes.
- d) ganha distância da cena para captar todos os seus aspectos.
- e) apresenta o espectador da crueldade como um ser incomum.

Comentários

Questão de interpretação de texto literário; conhecimento de autores e obras do cânone; conhecimento de movimentos literários; semântica e literatura comparada.

Alternativa A: incorreta. Nostalgia é sinônimo de saudosismo e não é saudade o que sente o eu lírico.

Alternativa B: incorreta. O animal precisa ser necessariamente o cão, já que é estabelecido um vínculo com o romance “Quincas Borba”. Ironiza-se o fato de que logo o cão, amigo fiel, é desprezado pelo ser humano. O poema tampouco se centra exclusivamente no cão, a sua crítica social vai além.

Alternativa C: incorreta. Displícência significa falta de cuidado. Pelo contrário, o eu lírico revela-se metuculoso, atencioso.

Alternativa D: correta – gabarito. O sentido central desse poema se observa em seu título. O latinismo expressa a condição privilegiada de alguém que só assiste sem interferir nem sofrer ou se deixar influenciar. Como o narrador machadiano é onisciente, também o eu lírico no poema observa o que narra a partir de um distanciamento, que o coloca numa situação de estranhamento com o que está sendo



observado. Trata-se da objetividade realista. “Ocidentais” (1880) é um livro de poesia machadiana, mas já é uma **obra de transição**, produzida às vésperas da introdução do Realismo no Brasil.

Alternativa E: incorreta. O espectador da cena é o próprio eu lírico, mas ele não se coloca como central no poema. Não é incomum; é um observador aguçado da realidade, como é típico no Realismo.

Gabarito: D.

21. (FUVEST/2022/1ª fase/Professora Luana Signorelli) A analogia consiste em um recurso de expressão comumente utilizado para ilustrar um raciocínio por meio da semelhança que se observa entre dois fatos ou ideias. No texto II, a analogia construída a partir da imagem do chicote pretende sugerir que

- a) o instrumento do castigo nem sempre cai em mãos justas.
- b) o apreço aos objetos independe do uso que se faz deles.
- c) o cabo é metáfora de mérito, e a ponta, metáfora de culpa.
- d) o mais fraco, por ser compassivo, é incapaz de desfrutar do poder.
- e) o prazer verdadeiro se experimenta no lado dos dominantes.

Comentários

Questão de interpretação de texto literário/verificação de leitura.

Alternativa A: incorreta. Não é a justiça que está sendo questionada no trecho.

Alternativa B: incorreta. A depender da pessoa que faz uso de tal instrumento (seja ele concreto, como um chicote, ou abstrato, como um ponto de vista), o fato é que a ferramenta passa a ser mais apreciada, apenas porque se tem controle dela.

Alternativa C: incorreta. Mérito e culpa são juízos de valor que não são explorados na passagem. A crítica se volta para as pessoas e o que elas fazem quando estão no controle e no domínio de algo. Ter o chicote em mãos é metáfora de poder.

Alternativa D: incorreta. Pela certeza que demonstra o narrador, é bem provável que qualquer um, tendo o poder, seria capaz de desfrutá-lo. O fraco só tem menos chances por limitação, como pregaria a filosofia da **Humanitas**, que defende a ordem da hierarquia social (só os mais fortes sobrevivem).

Alternativa E: correta – gabarito. É mais fácil apreciar o instrumento e até mesmo sua consequência (mesmo se ela for ruim, como o castigo vindo do chicote), só porque se é dono do chicote. A crítica contra o abuso do poder também se expressa no capítulo 11 do romance “Memórias póstumas de Brás Cubas” (1881) em que Brás Cubas, ainda criança, sobe nas costas do escravo Prudêncio para brincar com ele de cavalo, atestando o poder de sua classe social, que é a burguesia.

Gabarito: E.

22. (FUVEST/2022/1ª fase/Professora Luana Signorelli) No texto III, ao analisar a interioridade de Palha, o narrador descobre, no pensamento oculto do negociante,

- a) a ternura que lhe inspira a mulher, capaz de toda abnegação.
- b) a piedade que lhe causa a mulher, a quem só guarda desprezo.
- c) a vaidade que beira o sadismo, ao ver a mulher sofrer por ele.
- d) o gozo vingativo, visto que a mulher o trai com Carlos Maria.
- e) o remorso do infiel, pois ele trai a mulher com Maria Benedita.

Comentários

Questão de interpretação de texto literário/verificação de leitura.



Alternativa A: incorreta. Sofia não é uma mulher abnegada. Em seu casamento, não se observa sua entrega ao marido Palha. Pelo contrário, ela flerta com outros homens, como Carlos Maria, e aceita presentes de Rubião, pois gosta de ser paparicada.

Alternativa B: incorreta. Cristiano Palha não se revela piedoso; é o contrário: deseja que a mulher Sofia tenha mais pesadelos, pois gosta de vê-la sofrer.

Alternativa C: correta – gabarito. Sadismo é o comportamento de demonstrar prazer em observar o sofrimento alheio. Ao confessar que teve um pesadelo, Sofia acorda gritando e seu marido, Cristiano Palha, gosta do que vê. Vai além e deseja que ela tenha mais sonhos como aquele, para que ele possa usufruir do seu padecimento. O sadismo é um tema que já foi explorado em outra obra machadiana, como é o caso da personagem Garcia no conto "A causa secreta".

Alternativa D: incorreta. Não é comprovada esta traição. Sofia dança com Carlos Maria, flerta com ele e troca bilhetes, mas o resto é apenas uma sugestão. Trata-se de uma das conhecidas **ambiguidades machadianas**.

Alternativa E: incorreta. Cristiano Palha não trai Sofia. Maria Benedita, a prima caipira de Sofia, acaba se casando com Carlos Maria.

Gabarito: C.

23. (FUVEST/2022/1ª fase/Professora Luana Signorelli)

Largo em sentir, em respirar sucinto,
Peno, e calo, tão fino, e tão atento,
Que fazendo disfarce do tormento
Mostro que o não padeço, e sei que o sinto.

O mal, que fora encubro, ou que desminto,
Dentro no coração é que o sustento:
Com que, para penar é sentimento,
Para não se entender, é labirinto.

Ninguém sufoca a voz nos seus retiros;
Da tempestade é o estrondo efeito:
Lá tem ecos a terra, o mar suspiros.

Mas oh do meu segredo alto conceito!
Pois não me chegam a vir à boca os tiros
Dos combates que vão dentro no peito.

Gregório de Matos e Guerra

No soneto, o eu lírico:

- a) expressa um conflito que confirma a imagem pública do poeta, conhecido pelo epíteto de “o Boca do Inferno”.
- b) opta por sufocar a própria voz como estratégia apaziguadora de suas perturbações de foro íntimo.
- c) explora a censura que o autor sofreu em sua época, ao ser impedido de dar expressão aos seus sentimentos.
- d) estabelece, nos tercetos, um contraponto semântico entre as metáforas da natureza e da guerra.



e) revela-se como um ser atormentado, ao mesmo tempo que omite a natureza de seu sofrimento.

Comentários

Esse poema expressa a intensidade do sentimento do eu-lírico que pode ser comparada a tiros de combates. Ele não revela o motivo de tal tumulto interior, por isso não é possível classificar o poema nem como lírico-amoroso, nem como de circunstância.

Alternativa A está incorreta. Nesse poema, ele não critica nem ironiza qualquer personagem da Bahia, traço típico da poesia que o tornou conhecido como “Boca do Inferno”.

Alternativa B está incorreta. O poeta não diz que procura sufocar seus sentimentos, pelo contrário, ao escrever “Ninguém sufoca a voz nos seus retiros”, ele está querendo dizer que, dentro de si, ninguém consegue sufocar os sentimentos.

Alternativa C está incorreta. O poeta discute a expressão de seus sentimentos internos, sem mencionar qualquer motivo externo para retê-los. Não há, portanto, qualquer referência à censura externa.

Alternativa D está incorreta. As metáforas da natureza não se contrapõem à metáfora da guerra: assim como o estrondo da tempestade ecoa no mar, e os tiros do combate ecoam na guerra, os sentimentos ecoam dentro do eu-lírico.

Alternativa E está incorreta. A referência ao tormento e ao silêncio em relação a ele são claros no primeiro terceto “Largo em sentir, em respirar sucinto,/Peno, e calo, tão fino, e tão atento,/Que fazendo disfarce do tormento/Mostro que o não padeço, e sei que o sinto.” Ou seja, ele sofre, mas se cala.

Gabarito: E.

24. (FUVEST/2022/1ª fase/Professora Luana Signorelli)

Nun´Álvares Pereira

Que auréola te cerca?
É a espada que, volteando,
Faz que o ar alto perca
Seu azul negro e brando.

Mas que espada é que, erguida,
Faz esse halo no céu?
É Excalibur, a ungida,
Que o Rei Artur te deu.

´Sperança consumada,
S. Portugal em ser,
Ergue a luz da tua espada
Para a estrada se ver!

Fernando Pessoa. In: “A Coroa”, Parte I, Mensagem.

A primeira parte de *Mensagem*, organizada como um correlativo poético do Brasão das Armas de Portugal, perfila uma série de figuras míticas e históricas que teriam sido responsáveis pela formação nacional portuguesa. A seleção de Nun´Álvares Pereira para ocupar o lugar da Coroa

- a) sugere, pela imagem do halo de luz, que a verdadeira nobreza é de espírito.
b) destaca, através da referência ao mito arturiano, o seu sangue bretão.



- c) distingue, por meio do substantivo “esperança”, um regente digno de seu posto.
- d) enaltece, pela repetição da palavra espada, a guerra como estrada para o futuro.
- e) indica, associada ao adjetivo “consumada”, uma visão desenganada da história.

Comentários

Questão de interpretação de texto literário/verificação de leitura.

Alternativa A: correta – gabarito. “Mensagem” (1934) é um livro de poesia modernista que se insere no contexto do **Orfismo** português. É publicado em contexto inicial do **Salazarismo** (1933-1974) e transcreve o percurso de 3 partes: O Brasão; Mar Português e O Encoberto. A primeira parte do livro se centra nas figuras importantes para o orgulho nacional português, como Nuno Álvares Pereira, que foi um nobre e general português do século XIV. No poema, sua espada é comparada a um halo, símbolo de prosperidade, sendo que ele também é aproximado de Rei Artur, ganhando aura mítica.

Alternativa B: incorreta. O ciclo bretão ou arturiano tem como personagens centrais o Rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda. Configura um tipo de romance de cavalaria à época do movimento literário português do Trovadorismo. Rei Artur é bretão; porém, Nuno Álvares Pereira é português. Ambos são aproximados no poema por serem representativos da tendência literária do **heroísmo**.

Alternativa C: incorreta. A dignidade não é o tema central do poema. Nuno Álvares Pereira é exaltado pela sua bravura. Ele não é um regente (rei), mas sim um general.

Alternativa D: incorreta. O futuro é incerto em *Mensagem*. Além disso, quem é enaltecido no poema é quem dá título a ele, e não a guerra propriamente dita.

Alternativa E: incorreta. Desenganado quer dizer certo, resoluto. Pelo contrário, a primeira parte do livro até pode ser otimista, descrevendo os heróis de formação de Portugal e as figuras históricas importantes, mas o rumo dessa história nacional é incerto, como indica o último poema do livro, “Nevoeiro”: “Tudo é incerto e derradeiro. /Tudo é disperso, nada é inteiro”.

Gabarito: A.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Nós nos colocamos à disposição de vocês para sanar eventuais dúvidas.

Temos a meta de responder ao Fórum de Dúvidas, com a qualidade e profundidade exigidas, assim como podem nos encontrar em redes sociais. E agora também temos **Sala VIP**.



Versão	Data	Modificações	Professora
1	12/12/2021	Entrega da primeira versão do texto.	Luana Signorelli



Professora Bete Ana



@profabeteana



Professora Luana Signorelli



/luana.signorelli



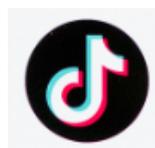
Professora Luana
Signorelli



@luana.signorelli



Luana Signorelli



@luanasignorelli1





Professor Fernando Andrade



@filosofia.do.portuga



Redação e Filosofia

